

Artigos**Apontamentos do espanto na crise COVID-19**

Cremilda Medina

Dedico estes apontamentos ao Jornalista Marcello Bittencourt, amigo e profissional histórico da Rádio USP, que nos deixou em abril de 2020, vítima do novo coronavírus.

Volatilidade, incerteza, complexidade, ambiguidade – quatro variáveis epistemológicas que Paulo Roberto da Silva Gomes Filho (Coronel de Cavalaria do Exército) captou de bibliografia internacional para analisar o atual momento em artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* na edição de 25 de março de 2020¹. Li com total sintonia o conteúdo de cada uma dessas quatro noções que o autor vincula à interpretação da atual pandemia e aos desafios decisórios das sociedades em estresse perante a expansão implacável da doença coletiva.

Para o autor, a volatilidade se manifesta na extrema velocidade dos acontecimentos; a incerteza, desencadeada pela volatilidade, provoca uma pluralidade contraditória e complexa de decisões; o que, aumentando o grau de incertezas na complexidade, leva à ambiguidade de perspectivas, discordâncias e discrepâncias culturais. Esse um caldo maldito na produção de sentidos que regem os discursos e as ações práticas no enfrentamento da adversidade planetária.

Não imaginei que, em seminários do fim dos anos 1980, ao trazer à pauta epistemológica dos saberes científicos e dos saberes cotidianos os desafios da Era das Incertezas - sobretudo no que tange às estratégias da comunicação perante pluralogia social – tivesse hoje a atualização de tal avalanche de interrogantes.

Estas, que estavam presentes nas últimas décadas de teoria e prática do *Saber Plural* - ou do projeto de pesquisa iniciado em 1990 na Universidade de São Paulo, sob o título *O discurso fragmentalista da ciência e a crise de paradigmas* -, enfrentavam comportamentos e concepções que partiam da

¹Acessível em: <https://opinioao.estadao.com.br/noticias/espaco-aberto,desafio-e-resposta,70003246666>

leitura do real na perspectiva reducionista, ignorando os fatos indetermináveis e apostando em precisas determinações.

Mas agora, mergulhados no temporal da incerteza, da complexidade e do imponderável, numa velocidade desabalada e numa ambiguidade de interpretações, a antiga crise de paradigmas atinge a dimensão da vida e da morte.

Seguem-se Apontamentos do Espanto, alimentado acima de tudo pela frustração da promessa humanística da racionalidade tanto na experiência cotidiana quanto na reflexão analítica ou nas informações factuais das narrativas da contemporaneidade:

1. Acrescentaria às variáveis da complexidade e da ambiguidade, as recorrentes dicotomias simbólicas que leem o Real. Nesta crise, seja ao abordar momentos precursores, seja na atual emergência da calamidade planetária, é difícil encontrar interrogações ou reticências que ampliem o horizonte estrito de dois lados. Mesmo ao mobilizar a ajuda da ciência para diagnosticar esta ou aquela solução, raramente se colhem informações que ultrapassam a lógica dual do *isto ou aquilo*.

A área médica, diante de prescrições múltiplas e incertas de medicamentos ou vacinas tende a oferecer à opinião pública, via meios de comunicação social, alternativas por vezes dissonantes; a pesquisa biológica ora parece competir na rota de quem chega mais rápido à decifração do vírus, ora reconhece um percurso unitário (e solidário) dos pesquisadores que humildemente não estabelece prazos para a vitória contra o desconhecido inimigo.

Em meio aos relatos que não aplacam a inquietude e o medo, ainda se encontram vozes científicas que ensaiam armar nexos complexos não só sobre a natureza do vírus como as circunstâncias socioculturais, as geopolíticas e as demografias em que o inimigo comum opera.

Todos os dias, porém, repórteres, comentaristas e âncoras clamam pela voz científica mais reducionista que complexa, mais “didática”, persuasiva, do que reticente, aberta à recepção. Há momentos humanizados quando o médico e pesquisador se torna vítima da doença ou, no extremo, é mais um número nos óbitos: então, diante da impotência individualizada, a área médica afunda no espanto comum a todos os habitantes do planeta.

Nesse tumulto, também se convocam os matemáticos, requisitados para expor seus modelos da pandemia; estatísticas daí decorrentes repercutem nas entrevistas aos jornalistas, em geral, duas possibilidades. Novamente aparecem dicotomias de dados numéricos que oscilam na figuração de curvas em direção ao pico da montanha ou em direção ao planalto.

(Os jornalistas lidam mal com as estatísticas e os técnicos que as formulam em modelos matemáticos também não conseguem apresentar múltiplas leituras da realidade epidemiológica que as abstrações numéricas tentam expor. E quando transpõe o campo positivista das afirmações, para lançar dúvidas, os

repórteres não captam a humilde posição científica e repetem no dia seguinte a mesma expectativa de dados e gráficos assertivos, definitivos, o velho conceito de certo e errado e não da inserção dos dados em um contexto.)

Mergulhados no caos, os trabalhadores das frentes de saúde, pública ou privada, administram um estresse que se torna visível na comunicação coletiva também numa dicotomia: ou a ameaça anunciada de falta de equipamentos para cuidar dos infectados ou a ameaça à própria vida. Sujeitos plurais tanto nas especificidades profissionais quanto nas biografias, são reduzidos, na maioria das histórias, a um anonimato ou nomes ilustrativos sorteados para o elogio grupal de palmas ou para compor os trágicos números de óbitos.

(Um dia, talvez, haverá tempo para a autoria mediadora e termos à disposição histórias de vida que simbolizem a densidade dos protagonistas da saúde.)

Em meio a esses quadros binários, em que a produção simbólica pende para um lado ou para o outro, quero insistir que se encontram fontes científicas e algumas autoridades de saúde com discursos complexos. Num tom mais moderado, sem elocução de superioridade ou agressividade, assumem a angústia diante dos desafios da experiência inusitada, da incerteza na pesquisa e do imponderável da doença não domada.

Ao apresentar informações inconclusivas, a ciência atualizada expõe para aqueles que insistem no desejo do conhecimento definitivo e do conforto das certezas, uma dose gradual e muito educativa da natureza complexa dos fatos que nos cercam.

Já os jornalistas - comentaristas, âncoras ou repórteres -, com raras e destacadas exceções, lidam mal com aprendizado no dia a dia da tomada de decisões no escuro da pandemia. O que clama pela noção de processo e de intercausalidade dos fatores, no lugar do conceito de causa e efeito numa linearidade previsível.

2. Na manifestação política dos seus representantes ou na ação que desenvolvem sob a rubrica de políticas públicas, o discurso toma o rumo de sempre, como se a complexidade humana e de todos elementos naturais coubessem ou numa concepção única de um monólogo esquizofrênico ou na dicotomia situação/oposição. Há quanto tempo pesquisadores que nos inspiram no Projeto Plural, abordam a pluralidade, a diversidade, os múltiplos polos de abordagem da prática política?

3. Daniel Innerarity², um deles, reconhece a dificuldade para administrar politicamente os conflitos da dialogia (plurólogo, digo eu) social. Isso em

² Daniel Innerarity é catedrático em filosofia política e social, pesquisador na Universidade do País Basco e diretor do Instituto de Gobernanza Democrática. Doutor em filosofia. É colaborador do jornal *El País*, com artigos de opinião. Considerado um dos 25 grandes pensadores do mundo pela revista francesa *Le Nouvel Observateur*. Acaba de publicar *Una teoría de la democracia compleja. Gobernar en el siglo XXI* (Uma Teoria da Democracia Complexa. Governar no Século XXI, inédito no Brasil. Entrevista com o autor acessível em

situações de aparente normalidade, imagine-se no caos em que nos encontramos com a COVID 19. Muitas palavras se dividem em dois campos e seus vocalizadores se acham certos para tentar fazer vingar a sua política.

O Brasil vive essa situação em torno do comando duplo em conflito de duas verdades: isolamento horizontal ou isolamento vertical como políticas opostas de dois extremos nas tentativas de enfrentamento da infecção. Se, no País, a dualidade vem sendo lida como um duelo entre saúde pública e economia, na Suécia e Dinamarca, são políticas opostas contra o vírus – “enquanto dinamarqueses adotam isolamento mais radical, suecos mantêm escolas, bares e restaurantes abertos” (matéria publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, na edição de 28 de março de 2020).

Não é um espanto que dois países, cuja separação é apenas oito quilômetros e uma ponte, tenham duas reações políticas opostas? E não é um espanto que em abril a Suécia, diante da expansão não controlada da doença, tenha que se reequacionar, reconhecendo como certa a estratégia que antes recusou?

4. A gravidade das situações sociais, posta a nu perante a invasão indiferenciada do vírus, revela de modo cruel os saldos históricos da desigualdade humana - do saneamento à distribuição de qualquer ordem de riquezas acumuladas, da condição de trabalho à educação e à saúde coletiva. As imagens urbanas das sociedades mais desfavorecidas escancaram “comunidades” sem a estrutura comunitária tal qual a desenhou o mapa simbólico da civilização, na retórica das Luzes.

Se no século passado se debatiam os fracassos da racionalidade iluminista, hoje, a humanidade de todas as latitudes – e penso sempre na África em primeiro lugar – que projeto se pode escrever para este abalado século XXI? Falo na África, porque quando, em Moçambique, ensaiava captar em seus escritores, o que sonhar naquela situação de miséria que minha experiência de repórter percebia, perguntei, em 1986, ao poeta Calane da Silva, se era possível sonhar nessa terra. Ele me respondeu:

*ainda achas que temos sonhos
ainda achas que estamos vivos
não achas que nós, vivos,
estamos perdidos
pessoano não sou
venho do bairro limítrofe
onde a pólvora do mundo
conosco acabou*

(Calane da Silva escreveu de improviso a resposta à minha interrogante num guardanapo, em Maputo, na noite de 20 de setembro de 1986.) Meu livro sobre os escritores africanos de língua portuguesa traz como epígrafe este poema e

<https://brasil.elpais.com/cultura/2020-02-26/daniel-innerarity-a-politica-precisa-de-um-reset-radical.html>. (nota da editoria)

em sua homenagem formulei minha esperança no título, *Sonha mamana África* (1987). E agora, Calane, o que a “pólvora” do novo coronavírus fará?

5. Reflexões, análises e diagnósticos, comportamentos culturais e propostas de educação higiênica coletiva, pinceladas de contextos dramáticos nos hospitais, nas filas da Caixa Econômica para retirar informações e auxílios emergenciais – eis imagens do desespero como nunca se viu perante a morte e o despejo dos anônimos, invisíveis, deserdados ou simplesmente infectados em valas comuns. Eis o espanto de uma história coletiva, nacional, grupal, individual.

Nunca a REPORTAGEM PRESENCIAL foi tão requisitada para ensaiar narrativas dos limites humanos. A recepção, essa misteriosa, imprevisível recepção, ainda não se anestesiou perante o desfile da tragédia da impotência, mas enviou um recado ao Jornalismo clássico – notícia boa não é notícia -, reverteu essa afirmação técnica que tanto alimenta o denunciismo, e solicitou histórias de protagonistas exemplares, coletivos solidários, janelas de afirmação do humano ser que soltam a voz do apertamento. E a reportagem, aqui e ali, tem ido ao encontro desse barco à deriva, aliás, como sempre o fez a poética no Gesto da Arte desde que o Sapiens o registrou na pedra.

Questão que se coloca a boa parte dos comentaristas e de jovens jornalistas: como atuar numa produção simbólica assertiva em lugar de interrogativa? Como ensaiar a decifração de uma realidade cifrada, que escapa das lógicas pré-estabelecidas para diagnósticos e de prognósticos? Como observar o painel dos espantos sem a tentação única do simplório denunciismo? Como motivar a reversão de atitudes egocêntricas na prevenção, sem o tom arrogante de quem sabe das coisas? Como se deixar impregnar, pelos cinco sentidos, da experiência inquieta de perguntas sem respostas, da esperança e da dor no cotidiano dilacerado?

Data de recebimento: 24/06/2020; Data de aceite: 24/06/2020

Cremilda de Araújo Medina - jornalista, pesquisadora e professora titular sênior da Universidade de São Paulo, autora de 18 livros e organizadora de 52 coletâneas interdisciplinares. Com mais de 500 alunos de Jornalismo, publicou a coleção *São Paulo de Perfil* (26 exemplares publicados e o 27º inédito); a série *Novo Pacto da Ciência* (11 títulos) que reúne seminários em que cientistas de várias áreas do conhecimento debatem a crise de paradigmas contemporâneos. Além de coordenar o Projeto Plural, a pesquisadora orientou 30 doutores, 28 mestres e dois pós-doutorados. *Ato presencial, mistério e transformação* (2016) e *A arte de tecer afetos, Signo da Relação, cotidianos* (2018), os dois livros mais recentes, registram sua principal linha de pesquisa: a dialogia social.